

# ROSANA RIOS

Ilustrações

RODRIGO FREDERICO FRANK



Selecionado para o Programa Bibliotecas Escolares 1998 — MG  
pela Prefeitura de Santana do Parnaíba — SP e  
para o Salão Capixaba — ES



7ª edição

 **Editora  
Saraiva**

*Editor:* EGBERTO DA COSTA GAIA

*Assistente editorial:* CLÁUDIA ABELING-SZABO

*Suplemento de trabalho:* DILETA A. D. FRANKLIN DE  
MATOS

*Preparação de texto:* CÁRMEN TERESA SIMÕES  
COSTA

*Coordenação de revisão:* LIVIA MARIA GIORGIO

*Gerência de arte:* NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

*Projeto gráfico:* ZIG-ZAG

*Supervisão de arte:* JOÃO BATISTA RIBEIRO FILHO

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Rios, Rosana

Da matéria dos sonhos / Rosana Rios; ilustrações  
Rodrigo Frederico Frank. – 7. ed. – São Paulo : Saraiva,  
2009. – (Jabuti)

ISBN 978-85-02-01523-4

1. Literatura infantojuvenil I. Frank, Rodrigo. II. Título.  
III. Série

CDD-28.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

7ª tiragem, 2019

# SUMÁRIO

Partida	7
Ausência	7
Os doze	13
Distância	20
Desencontros	26
Confissões	31
Jogos	40
Conflitos	53
Mocinhos e bandidos	59
De tragédias e comédias	66
Tempestade	69
Pausa para meditação	76
Retomada	81
Crise	88
Tocando o fundo	95
Mulheres	103
Homens	108
Círculos	115
Chegadas	123
Partidas	130



***para Celso***

“Da matéria dos sonhos  
nós somos feitos  
nossa pequena vida  
é cercada pelo sono”

William Shakespeare, *A tempestade*  
Ato IV, cena I



## PARTIDA

O ar na rodoviária cheirava a fumaça, poeira, óleo queimado. Vítor entrou no ônibus, ajeitou as mochilas e voltou para a plataforma, onde Lila e a mãe aguardavam.

— O ônibus já vai sair — disse o rapaz, um tanto nervoso. — Até qualquer dia, mãe. Cuide bem dessa baixinha... e do velho.

Abraçou a mãe, depois a irmã. Lila não disse nada. Nem ali, em frente do ônibus que levaria Vítor para morar em outra cidade, ela podia acreditar que o irmão ia embora. Não parecia verdade.

A fumaça na plataforma aumentou quando o motorista acelerou e o ônibus lentamente deixou a rodoviária. Por alguns minutos as duas ainda ficaram ali, paradas, olhando para a esquina onde ele sumira. Afinal, a mãe suspirou.

— Vamos indo, Liliane. Você vai se atrasar para a aula.

Mas a garota não se importava. Enquanto saíam do terminal apinhado de gente, ela só conseguia pensar nas dezenas, centenas de brigas que tivera com Vítor nos últimos anos. Costumavam discutir o tempo todo, por qualquer bobagem! E — coisa engraçada — naquela manhã, pela primeira vez, ela percebeu como era ligada a seu único irmão, e como ia sentir a falta dele.

## AUSÊNCIA

Lila olhou rapidamente o relógio de pulso, enquanto atravessava o portão do colégio. Estava meia hora atrasada para a primeira aula. Podia imaginar o nariz torcido da orientadora quando passasse pelas salas da diretoria, a caminho da classe.

“Droga!”, pensou. “Ela já não vai com a minha cara. Agora é que vai mesmo pegar no meu pé...”

Mas estava enganada. Ao atravessar o corredor viu Ruth sorrir para ela.

— Bom dia, Lila — disse a mulher. — Dona Sandra ligou avisando que você chegaria mais tarde.

A garota não respondeu. Então a mãe tivera tempo de telefonar para a escola. “Ainda bem”, suspirou. A orientadora caminhou com ela até a sala.

— Espero que Vítor faça boa viagem.

Lila levantou as sobrancelhas, surpresa. Como Ruth sabia sobre a viagem do irmão? Será que o mundo todo conhecia sua decisão de deixar a faculdade e ir morar no interior?

— Sua mãe me contou que vocês tinham ido à rodoviária.

— Ah...

Ela não estava com a menor vontade de discutir a viagem de Vítor com estranhos. Muito menos com Ruth, em quem absolutamente não confiava, apesar das recentes demonstrações de simpatia.

Haviam chegado à sala. Lila entrou e foi direto para seu lugar, tentando não pensar no irmão, nos pais, no ônibus indo embora. Só uma pessoa na classe a olhou com compreensão: Vânia, a única amiga que fizera desde o início das aulas. Como Lila, havia repetido o nono ano e não tinha ali amizades do ano anterior.

— Tudo bem? — Vânia sussurrou, para que só Lila ouvisse.

— Depois eu conto — foi a lacônica resposta da menina.

Esforçou-se para prestar atenção à aula e esquecer que agora estaria sozinha com os pais em casa, sem a presença de Vítor. Não ia ser fácil. Não, não ia ser nada fácil.

No intervalo das aulas Vânia despencou sobre ela com mil perguntas.

— Como foi, Li?

— Horrível — desabafou a garota. — Meu pai discutiu com ele a noite inteira. Não sei qual dos dois é mais teimoso.

— Todo homem é teimoso — explicou Vânia no tom experiente de quem, aos quinze anos, sabe tudo sobre o sexo oposto.

— Mas meu pai é demais. Não queria de jeito nenhum que o Vítor trancasse matrícula na faculdade pra ir estudar música. Diz que música não enche barriga, que ele vai se arrepender de ter largado a Economia, essas coisas.

— E sua mãe?

— Ficou quieta. Eu também. Nem adiantava a gente dar palpite, os dois berravam sem parar. Homens!

— São todos uns idiotas completos, é claro — completou Vânia, a especialista no assunto.

Passaram o resto do intervalo disfarçadamente observando os garotos do ensino médio que jogavam futebol no pátio. Lila não tirava os olhos de um deles: Túlio, um rapaz alto e atraente. Jogava como quem sabia que era observado; um ator representando seu papel. Vânia cutucou Lila e sorriu.

— Teimosos, idiotas e convencidos. Alguns deles deviam estar no palco.

Elas não podiam saber que aquelas palavras seriam proféticas...

Quando voltavam para a classe foram chamadas por Ruth, que examinava alguns papéis parada na porta da diretoria.

— Liliane e Vânia — disse a mulher. — Venham à minha sala no final das aulas, por favor.

— Que foi que nós fizemos desta vez? — gemeu Lila para a amiga. — Não me lembro de nada. Nem fui mal nas primeiras provas!

Vânia resmungava.

— Ela pega no nosso pé porque repetimos de ano, só isso. Pura perseguição.

Após as aulas foram juntas para a sala ao lado da diretoria. Quando Lila entrava, viu-se empurrada por um rapaz que saía.

— Olha a frente, garota! — ele disse, mal-humorado, antes de sumir na virada do corredor.

— É o estúpido do Jairo — Lila resmungou entre os dentes.  
— Teimosos, idiotas, convencidos e estúpidos — concluiu Vânia.

Entraram na sala e foram recebidas por uma sorridente Ruth.

— Sentem-se.

Sobre a mesa da orientadora, um cartaz chamava a atenção, os dizeres em letras vermelhas:

### PARTICIPE DAS OFICINAS DE ARTE

#### PINTURA, SERIGRAFIA, FOTOGRAFIA, TEATRO E CANTO

As duas garotas esperaram, apreensivas, que a mulher falasse primeiro. Suas visitas anteriores àquela salinha não tinham sido agradáveis... No entanto viram-se surpreendidas.

— Ouviram falar dos cursos opcionais que o colégio está oferecendo — pintura, serigrafia, fotografia, teatro e canto?

Lila fez que sim com a cabeça. Vânia olhava para o cartaz.

— Então — disse Ruth —, sabem que haverá oficinas de arte em diversos horários. Gostaríamos que todos os alunos participassem.

— Mas não é obrigatório, é? — quis saber Vânia. Lila ainda não se animava a abrir a boca.

— Ninguém é obrigado a se inscrever — esclareceu a orientadora. — Porém há alunos que podem melhorar bastante seu desempenho no colégio participando das oficinas. Haverá uma nota de aproveitamento. Estive estudando caso por caso...

Os papéis nas mãos dela eram as fichas de Lila e Vânia. Notas, faltas, recuperação. Ambas haviam repetido o nono ano devido a problemas com português, matemática, história.

— O horário de vocês tem algumas janelas que se encaixam com os horários da oficina de teatro. Tomei a liberdade de indicar seus nomes para o professor Sérgio. Terão aulas às quartas e sextas-feiras, durante as duas últimas aulas.

“Não é obrigatório”, pensou Lila, “é *apenas* compulsório”.

— E se nós não quisermos participar? — Vânia insistiu.

Ruth sorriu afavelmente. Para as garotas, porém, aquele pareceu um sorriso de gato tocaiando rato.

— Então não participem. Será uma pena, vocês iriam gostar muito dessa oficina. O professor Sérgio trabalha em conjunto com os professores de história, geografia e português. As notas de aproveitamento serão consideradas nas médias... Pensem nisso.

— Tudo bem — resmungou Vânia, levantando-se.

— O que me diz, Liliane? — perguntou Ruth.

— Parece — a garota forçou-se a falar — que não temos escolha.

Saíram da salinha ao lado da diretoria tão mal-humoradas quanto Jairo, o rapaz que trombara com Lila na entrada.

Em casa, à noite, o clima estava *sepulcral* — palavra que servia perfeitamente para a ocasião. Nem num sepulcro infestado de fantasmas gelados a garota se sentiria mais deprimida do que ali.

Jantaram na cozinha; ela, a mãe e o pai tentando não olhar a quarta cadeira ao redor da mesa. Embora Vítor quase nunca jantasse em casa depois que entrara na faculdade, mesmo assim era a cadeira *dele*, na qual poderia sentar-se um dia ou outro. Agora...

Lila tentou imaginá-lo jantando com Marcela em alguma pensão interiorana, comendo pouco para não gastar muito. “Será que ele vai passar fome?”, agonizou-se. O pai falara tanto que “música não enche barriga”... Como Vítor imaginava se manter noutra cidade, estudando o dia todo e apenas dando aulas à noite? Só se Marcela... Bem, o fato de o irmão ir morar com a namorada era outra coisa que o pai não aceitava. “E nem eu”, decidiu. Nunca simpatizara com aquela uma.

— Que cara é essa, Liliane? — perguntou seu William de repente, deixando a filha assustada com a possibilidade de ele ter lido seus pensamentos sobre Vítor e Marcela.

— Que eu saiba só tenho uma cara — respondeu, cansada demais para qualquer tipo de discussão.

— Como vai a escola? — o pai continuou.

— Bem, eu acho.

— Como assim, “eu acho”? Ou vai bem ou não vai! Espero que este ano não aconteçam mais surpresas.

A garota olhou para o teto, esforçando-se em manter a boca fechada. Outro monólogo paterno sobre *como ela, justamente ela, conseguira repetir o nono ano* seria o desfecho perfeito para um dia péssimo. Mas dona Sandra estava atenta e não deixou a bola cair nas mãos do inimigo.

— O colégio está cheio das novidades este ano. Os alunos vão participar de oficinas de arte: pintura, canto... Você vai se inscrever no curso de teatro, não, filha?

— Talvez — foi a resposta de Lila, irritada pelo fato de a mãe estar tão bem-informada. A orientadora obviamente aproveitara o telefonema da manhã para preparar o terreno.

Estava mentalmente decidindo não se inscrever em droga de oficina nenhuma quando ouviu o pai resmungar.

— Deveriam reforçar o estudo de matemática, essas coisas, não desperdiçar tempo com bobagens como teatro ou música...

Obviamente não pensava nela, e sim em Vítor, ao fazer aquele comentário. Porém Lila reagiu como sempre fazia quando o pai opinava: tomava o partido contrário.

— O curso pode melhorar as notas da gente em português, geografia e história. E encaixa nas minhas aulas vagas. Amanhã vou me inscrever, já combinei com a Vânia.

O resto do jantar transcorreu em silêncio. Quando terminaram e Lila e a mãe tiravam a mesa, seu William deu a palavra final.

— Bom — repetiu —, só espero *mesmo* que neste ano não aconteçam mais surpresas.

Lila não aguentou ver televisão naquela noite. Foi para o quarto, pegou um caderno de rascunhos. Pensava em desabafar as angústias, mas quando percebeu estava escrevendo para Vítor.

Coisa que ela nunca havia feito antes.

## OS DOZE

*Quando um homem do período paleolítico pintava nas cavernas um animal sendo morto, ele não estava apenas representando o animal: estava criando um bisão ou mamute de verdade, para sua alimentação: o ato de pintar era magia pura.*

*Mais tarde, no período neolítico, quando os agrupamentos humanos passaram a viver de plantar e criar animais, danças e representações faziam parte de rituais religiosos. Os rituais eram a imitação, a revivência de mitos — narrativas de atos praticados por deuses ou heróis. Confeccionando máscaras e adereços, dançando, representando, nossos ta-ta-ta-ta-tataravós faziam teatro; mas principalmente faziam mágica.*

O sinal do término da quarta aula ainda soava. Enquanto a turma se preparava para ir embora, Lila e Vânia arrumaram seu material e desceram para o pátio interno. As oficinas funcionariam numa ala quase desativada do colégio, do outro lado da quadra.

Um homem moreno e simpático, que Lila já vira antes, estava parado junto à porta da sala que fora a antiga biblioteca. A garota cochichou com a amiga.

— O professor é aquele?

— Ele se chama Sérgio, e costumava dar aulas de educação artística — veio a resposta, no costumeiro tom de certeza de Vânia. — Até que é bonito, você não acha?

— Se fosse uns dez anos mais moço, talvez achasse — resmungou Lila, mal-humorada. Agora que as tais aulas iam começar estava arrependida de ter-se inscrito só para contrariar o pai.

— Bom dia — disse o professor, ao vê-las. — Assinem esta lista de presença, por favor.